



9ª Conferencia Latinoamericana  
y Caribeña de Ciencias Sociales

TRAMAS DE LAS DESIGUALDADES  
EN AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE  
SABERES, LUCHAS Y TRANSFORMACIONES

7 al 10 | Junio 2022  
Ciudad de México

UNAM Universidad Nacional  
Autónoma de México

#CLACSO2022

**Por um mundo aberto à diversidade:**

**aprendendo com a história da primeira  
relações públicas com Síndrome de Down no Brasil**

Luísa Camargos  
AIC

Alice Camargos  
AIC

Danusa Tederiche Borges de Faria  
UERJ/FFP - AIC

Priscylla Ramalho Dias Ferreira  
UFMG - AIC

Em um de seus contos, Eduardo Galeano narra que, certa vez, um homem alcançou os céus e de lá contemplou a vida humana – e descobriu que a humanidade é um mar de fogueirinhas, em que cada pessoa brilha com sua luz própria, sendo cada fogueira única, sem igual. E tal homem notou que as fogueirinhas existem em todos os tamanhos, cores e intensidades. Viu que há fogos serenos e até desbotados, mas que há também uns que “incendeiam a vida com tamanha vontade que é impossível olhar para eles sem pestanejar, e quem chegar perto pega fogo” (1).

O presente texto foi tecido a oito mãos de mulheres que atuam em ações de comunicação e de mobilização social voltadas ao fortalecimento e à ampliação da perspectiva da sociedade inclusiva. Cada uma delas tem características singulares, ímpares, subjetivas e diversas – mulheres desse mundo que, assim como poetisa Galeano, compõem um mar de fogueirinhas, cada uma com sua luz própria e única. Concordando com o escritor, acreditamos que alguns fogos incendeiam a vida e quem está ao redor. Esse é o caso de uma das mulheres que participam dessa produção.

Compartilhamos, por isso, a singularidade da trajetória de uma jovem que incendeia a vida. Luísa Camargos, a mais jovem dentre as autoras, realizou um feito extraordinário: ela é a primeira pessoa com Síndrome de Down a se formar e a atuar profissionalmente como Relações Públicas (RP) no Brasil.

Luísa é uma dessas fogueirinhas que espalham suas brasas: ela vem ocupando espaços sociais que historicamente ainda excluem, segregam e discriminam as pessoas com deficiência.

A inclusão da pessoa com deficiência na sociedade brasileira, seja nas políticas educacionais, no mercado de trabalho, nas questões de acessibilidade, dentre outras, é atravessada por um cenário de avanços ainda muito tímidos e por vezes marcada por retrocessos que deslegitimam e colocam em questão a possibilidade de a pessoa com deficiência levar uma vida autônoma.

Para ir na contramão dessa lógica perversa, Luísa enfrentou muitas batalhas, sem nunca pensar em desistir e tendo apoio incondicional e intenso da família. Foi assim que se graduou em Relações Públicas - RP no ano de 2019, aos 25 anos de idade e, no mesmo ano, começou a trabalhar como RP. Até então, nenhuma pessoa com Síndrome de Down havia se formado ou ingressado na carreira profissional de RP. E isso num país em que cerca de 1.750 pessoas se formam por ano na área (dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira / Ministério da Educação).

O fato de Luísa ser uma exceção absoluta à regra – que é a de pessoas com Síndrome de Down e outras deficiências fora das universidades e do mercado de trabalho especializado – aponta o quanto se faz necessário ampliar a discussão e fomentar espaços de formação e mobilização social para o avanço da sociedade inclusiva no Brasil. Isso depende, primordialmente, da abertura efetiva dos mais variados espaços da vida social à presença, à atuação e à visibilidade das pessoas com deficiência.

**Sua história, nossa história: no encontro com a profissão, a mobilização por uma sociedade inclusiva**

Recém formada em relações públicas, Luísa Camargos é convidada a atuar profissionalmente na ONG Agência de Iniciativas Cidadãs – AIC e, é nesse espaço de atuação profissional que as nossas histórias se encontram e vão ampliando o “mar de

fogueirinhas”. A AIC é uma organização da sociedade civil que desde os anos 1990 promove o desenvolvimento humano via ações integradas, envolvendo mobilização social, educação, comunicação e cultura, para o fortalecimento da atuação de coletivos, grupos e redes da sociedade civil, especialmente aqueles dedicados à defesa dos direitos de grupos minorizados da nossa sociedade.

Por meio do trabalho coletivo na AIC, Luísa Camargos atua em defesa da sociedade inclusiva e no enfrentamento às lógicas excludentes da sociedade capacitista. É nessa luta que nossas histórias de vida se cruzam, tendo um horizonte ético em comum: a crença de que a diversidade é uma riqueza humana.

### **Resistir ao olhar que segrega**

A lógica preconceituosa do capacitismo está por trás da crença, ainda muito disseminada, de que as crianças e adolescentes com deficiência deveriam estudar numa escola especial ou, no máximo, em uma sala especial da escola, apartadas do convívio com outras crianças e adolescentes. Tal lógica tem impacto em todos os âmbitos da vida das pessoas com deficiência, ao produzir exclusão e relegar essas pessoas a espaços segregados e invisíveis.

Apesar de serem observados avanços importantes na direção da sociedade inclusiva, especialmente no âmbito das políticas educacionais, a educação brasileira sofreu, recentemente, ataques com discursos que reforçam a segregação, vindo daqueles que deveriam trabalhar para a desconstrução do capacitismo. É o caso do então ministro da educação Milton Ribeiro, que afirmou, em agosto de 2021, que “crianças com deficiência atrapalham o ensino dos demais estudantes” e que “em alguns casos, é impossível a convivência”, denominando a política de educação especial na perspectiva da educação inclusiva como um ato de “inclusivismo” (2).

Falas como a do ministro devem ser combatidas e denunciadas, pois reforçam e legitimam uma sociedade capacitista e tem efeitos objetivos: como o decreto 10.502/2020, publicado pelo governo federal, que reforça a segregação de crianças e adolescentes com deficiência em turmas e instituições separadas dos demais estudantes, nas escolas.

Enfrentar as segregações e violências que o capacitismo produz está entre os focos principais da luta dos movimentos por direitos das pessoas com deficiência, que lembram que todos pertencemos à raça humana, cuja marca é a diversidade. Cada ser humano tem uma série de peculiaridades que o tornam singular, diferenciado de todos os demais da espécie.

O reconhecimento da diversidade como condição humana está na base do conceito de sociedade inclusiva – que, para a especialista e ativista Cláudia Werneck, é um ideal de sociedade em que todos os modos humanos de se existir sejam respeitados como legitimamente humanos. No paradigma da sociedade inclusiva, portanto, os ambientes e os processos da vida social, da educação e do trabalho devem dar conta das pessoas do jeito que elas são, “posto que são para humanos/as e não podemos escolher humanos/as, porque este é um ato criminoso” (3). Os mais variados espaços e instituições – como as da educação regular, da formação profissional e do trabalho – devem, assim, “ser desenhados para todas as pessoas, independentemente de suas características, sem ‘poréns’, sem exceções, sem modelos ‘especiais’ ou excludentes” (4), defende.

O trabalho que a AIC desenvolve, tendo Luísa como protagonista de várias das ações empreendidas, vem contribuindo para avançar em direção à construção desses espaços. Uma das ações em curso, inspirada na própria história de vida de Luísa, é o projeto Inclusive Luísa, que reúne diversos conteúdos de mobilização e sensibilização no site [www.inclusiveluisa.aic.org.br](http://www.inclusiveluisa.aic.org.br). O site veicula conteúdos em diversos formatos, como uma série de podcasts em que pessoas com deficiência e os mais variados sujeitos ligados a essa causa social têm espaço para falar de suas histórias de vida (5). Esse e outros projetos que Luísa desenvolve, além da própria trajetória dela, têm contribuído não apenas para dar visibilidade à pauta da inclusão, mas também para criar pontes, mobilizar grupos, coletivos e diversos atores estratégicos em torno da pauta, fomentando, assim, outras novas iniciativas pela sociedade inclusiva.

### **Uma trajetória com valiosos ensinamentos**

Luísa Camargos é a primeira pessoa a exercer a profissão de RP no Brasil. Além disso, em 09/12/2021, foi empossada conselheira efetiva do Conselho Regional de Profissionais de Relações Públicas dos Estados de Minas Gerais e Espírito Santo.

Além do trabalho na AIC, destacado acima, ela realiza inúmeras palestras sobre o tema em todo o país, é influenciadora digital com milhares de seguidores, escreve e apresenta artigos científicos em eventos acadêmicos. Junto com a irmã Alice Camargos, idealizou e realiza o projeto Bagaceira, que reúne pessoas com Síndrome de Down para curtir a noite na balada, sem a tutela da família, ocupando os espaços, vivendo e afirmando publicamente sua autonomia e seu direito a participar da vida da cidade.

Ao ocupar espaços, se fazer visível, viver a vida em sua plenitude e, assim, afirmar o direito à vida em todas as suas dimensões, Luísa faz de sua história de vida um exemplo concreto de que o acesso a oportunidades é decisivo para trajetórias como a dela e de que, quando há equidade, diversidade é sinônimo de potência. Em uma discussão para a preparação do presente texto, ela afirmou: “como qualquer pessoa, quem tem Síndrome de Down, se tiver oportunidades e apoio da família e da sociedade, tem infinitas possibilidades de se realizar na vida. É isso o que eu falo em todos os lugares e em todos os momentos”.

A história de Luísa, enfim, nos dá pistas do caminho que podemos seguir na luta por uma sociedade inclusiva, em que a mobilização social é prática geradora de transformação. Ela evidencia a relação entre quebra da invisibilidade, construção de uma percepção social democrática e justa em relação à pessoa com deficiência e, em decorrência, criação de condições para a inclusão social. Esperamos que foguinhos como Luísa incendeiem outras vidas, mobilizando uma sociedade que entenda que “todo mundo cabe no mundo. Inclusive Luísa. Inclusive você. E o mundo é melhor quando todos cabem nele.” (retirado do site Inclusive Luísa, 2022).

## Notas

(1) GALEANO, Eduardo. O livro dos Abraços. Porto Alegre, L&PM, 2002, p. 12.

(2) Cf <<https://educacao.uol.com.br/noticias/2021/08/24/milton-ribeiro-ministro-da-educacao-fala-criancas-deficiencia.htm>>. Acesso em 01 fev 2022.

(3) Em entrevista a Luísa Camargos para a elaboração do presente texto.

(4) Idem.

(5) Para ouvir ao Podcast Inclusive Luísa, acesse: <<http://anchor.fm/inclusive-luisa>>.